

## **“CURSO DE PEDAGOGIA” (1913): A CONSTRUÇÃO DE UM SABER.**

Luciana Santos Mendonça Matos (UFS)

3 – Cultura e práticas escolares.

“Instruir e educar é função do mestre...” Esta frase de Helvécio de Andrade (1913, p.I) inicia e resume o tema a ser tratado nesse artigo. Desde aquela época, e mesmo antes dela, pensava-se na função do professor, no seu papel, na sua formação e atuação. Uma significativa representação dessas preocupações está contida no livro do referido autor “Curso de Pedagogia”. Esse livro fez parte do universo de leitura das normalistas formadas no início do século XIX e, por isso, é tomado como objeto neste que é um estudo introdutório.

Analisaremos tal objeto dentro da linha de pesquisa que propõe tratar as questões ligadas à cultura escolar, entendida “como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p.9) e que constituem a renovação da História da Educação.

Tendo Helvécio (1864-1940) vivido num período de tempo onde se questionava a necessidade de uma formação adequada aos professores, o mesmo, através das lições do seu livro “Curso de Pedagogia” e de atuações como professor das cadeiras de Pedagogia, Pedologia e Noções de Higiene na Escola Normal de Aracaju (1911); como Diretor Geral da Instrução Pública em Sergipe (1913), e ainda como diretor dessa mesma Escola Normal (1914), demonstrou uma preocupação pertinente com o quê e como ensinar a quem iria ensinar.

O advento do movimento cientificista traz consigo novos valores, modelos, teorias, regras e uma nova forma de ver e compreender o homem, instaurando o “pensamento baseado nas ciências naturais contra os ideais religiosos” (Valença, 2003, p.19), chega a Sergipe, em 1880, colocando em discussão problemas educacionais relacionados à ciência e à religião. Helvécio de Andrade mesmo, então Diretor da Instrução Pública, foi alvo de uma polêmica levantada por Adolpho Ávila Lima, defensor do cientificismo. Não que ele fosse contrário a esse movimento, mas é que mesmo tendo o objetivo comum de modernizar o sistema educacional de Sergipe, ele e outros não atingiram a homogeneidade (VALENÇA, 2003-2005, p. 171).

As discussões originadas com o cientificismo dentro do contexto da educação, mais precisamente do curso normal, provocaram mudanças e ajustes no currículo da formação das futuras professoras, com a finalidade de incorporar os preceitos de modernização da Pedagogia, ao ponto de, em 1911, a partir da necessidade de reestruturação da escola primária, reformular-se também o currículo do curso normal, melhorando a preparação técnica-profissional das normalistas.

antes dessa reformulação as estudantes só tinham contato com conteúdos especificamente pedagógicos no 3º ano, nas disciplinas Pedagogia e Metodologia. Surge, então, a pertinência da preocupação de Helvécio em transpor para um manual pedagógico conhecimentos e conceitos que atendiam inicialmente às suas representações do que se devia saber para preparar-se bem para ensinar as crianças da escola primária. Introduziremos aqui a categoria de análise “representação”, de Chartier (2002, p.31) definida como “modos de pensar e de sentir que recortam configurações intelectuais específicas”.

Durante seus estudos e suas experiências nos diversos âmbitos da educação pública, como visto em Sergipe e em Santos onde foi Inspetor Sanitário e Inspetor Geral do Ensino Público, o referido autor apropria-se de interpretações a cerca do processo ensino-aprendizagem e escreve “Curso de Pedagogia” (1913). Um livro, como ele mesmo fala ao leitor, que não tem a intenção de ser um tratado de Pedagogia.

Esse meio escolar do qual nos fala Helvécio, está situado no período em que, em São Paulo, são pensadas e implantadas reformas educacionais que serviriam de modelo para os demais estados. E Helvécio pôde acompanhar de perto tais reformas. “Era um momento de reestruturação educacional iniciado no final do Império” (SAVIANI, 2005, p. 9).

As reformas são a principal influência no tempo em que ele esteve à frente dos cargos educacionais em nosso estado. Foi a partir de suas vivências em Santos, nesse período tão significativo para a educação brasileira, que Helvécio implementa ações como a renovação de todo material pedagógico da Escola Normal com novos compêndios ligados à pedagogia moderna e ressalta a importância de uma melhor regulamentação e inferências da inspeção médica na educação (VALENÇA, op. cit., 2003-2005, p. 174-177).

Debruçando-nos sobre esse livro tentaremos fazer o que Chartier (1999, p.18) nos diz ser a função do historiador, “poder vincular em um mesmo projeto o estudo da produção, da transmissão e da apropriação dos textos”. As fontes utilizadas por Helvécio, o modo como ele organiza o conteúdo da obra, desde a escolha até a quantidade dos mesmos são elementos a serem analisados nesse estudo, que como já foi dito é apenas introdutório.

Acrescentamos ainda que “o manual não é nada sem o uso que dele for realmente feito, tanto pelo aluno como pelo professor” (JULIA, op.cit., p.9-43).

O livro mede 21 cm x 14 cm, tem capa verde e 125 páginas no total (frente e verso). Ele preserva o modelo das folhas dobradas, reunidas em cadernos e encadernadas que desde antes de Gutenberg perpetuaria a cultura do impresso (Chartier, 2006). As inscrições na capa dizem respeito ao título do livro e à subdivisão do mesmo em: Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene Escolar. Traz claro o nome do autor, em letras cursivas bordadas, diferentes das demais, que são de imprensa, maiúsculas e minúsculas, variando também o tamanho das fontes. O nome e o endereço da editora vêm ao final da página de capa, bem como a cidade e a data da edição. Tudo isso cercado por uma moldura razoavelmente simples, com pequenos arabescos em cada um dos cantos.

Como nos aponta Chartier, op.cit., 1999, p.9), “há uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso...” Certos artifícios tentam preservar a familiaridade do autor com o leitor. Símbolos usados em textos manuscritos transpostos para textos impressos despertam a sensação de proximidade entre quem escreve e quem lê, quebrando a suposta impessoalidade ditada pela imprensa, sendo que pelo menos nas páginas iniciais (capa e prefácio) do “livrinho” em questão esse recurso atende claramente ao objetivo de identidade e de apropriação do texto escrito nas páginas posteriores.

As duas primeiras páginas do “livrinho” contêm um texto escrito pelo próprio autor, de cunho introdutório, endereçado aos possíveis leitores da obra, no caso, alunas do curso normal da Escola Normal de Aracaju. O texto intitulado “Ao leitor” traz nessa inscrição o uso de letras que se aproximam das manuscritas, repetindo-se ao final, como se o autor tivesse assinado de próprio punho. Vê-se aqui o que Chartier (op. cit., 1999, p.10) nos aponta como ponto fundamental, “a forte continuidade entre a arte do texto manuscrito, a caligrafia, e o caractere impresso”. O autor ou o responsável pela editoração do livro tenta dar um caráter de livro feito por mim especialmente para você. Nesta fase da escrita identifica-se a existência de duas categorias de indivíduos que interagem diretamente com o texto: o auctor (SILVA, op. cit., 2003, p. 5), responsável pela elaboração de uma obra original, e o lector (idem), aquele que segundo a tradição medieval interpreta um discurso. Ainda nesse texto, que apresenta o livro, Helvécio cita autores e obras referenciais, como Welch, Faria de Vasconcellos, Mantovani, Lalois et Picavet, Campayré, Felisberto de Carvalho, Yvert, Vieira de Mello e a Revista do Ensino, publicada trimestralmente em São Paulo no período de setembro de 1911 a novembro de 1912. Vemos então as fontes onde o autor bebe para escrever o manual. Os primeiros indícios relacionados às citadas

referências apontam para a influência, sofrida por Helvécio de Andrade, de educadores e obras escolanovistas não só publicadas no Brasil como também na Europa e nos Estados Unidos.

O autor de “Curso de Pedagogia” argumenta ser esse um livro de baixo custo e com uma metodologia muito acessível, o que, segundo ele, facilitaria sua aquisição, compreensão e, conseqüentemente, sua utilização pelas estudantes do curso normal, bem como pelos colegas professores que quisessem utilizá-lo em suas aulas. Destaca ainda a objetividade com que são organizadas as lições que ele diz seguir o modelo de Welch, autor a quem ele se refere no início da apresentação e que, logo, teria também escrito um livro metodologicamente semelhante ao seu, de onde se teria originado a obra da qual tratamos nesse estudo. Na justificativa que Helvécio dá para utilização de lições claras e objetivas encontram-se preceitos da obra de Comênius (1978 p. 141-153): “O que devem aprender os discípulos há de ser-lhes proposto com tal clareza que o tenham diante dos olhos, como os dedos de sua mão”. Mais um elemento da vertente escolanovista seguida por Helvécio. Seguem-se as subdivisões ou capítulos do “livrinho”, mas antes de iniciarmos tal análise seria conveniente refletirmos sobre o que está por vir. Estaremos entrando em contato com o universo pensado e vivido pelos atores do recorte de tempo selecionado, o início do século XIX. Estaremos excursionando pelo cotidiano de professores e alunos, com suas representações.

O livro “Curso de Pedagogia” está inscrito na categoria de manual pedagógico e “é essa dupla natureza de produto e produtor de um discurso pedagógico que permite aos manuais para professores ocuparem um lugar especial na cultura escolar e pedagógica” (SILVA, op. cit., 2003). Ele é um objeto integrante da cultura escolar que define saberes e comportamentos que circularão no âmbito da prática docente. Os conhecimentos contidos nos manuais têm uma razão para serem ensinados, uma vez que foram apropriados pelo autor e depois pelas alunas do curso normal em Aracaju. São interpretações inscritas nas práticas que os produzem.

Continuemos então a exploração da obra, estando ela agora situada dentro da Nova História Cultural, como sendo um “documento-monumento” (SOUZA, 2000, p. 3-27), ou seja, ele encerra ricos vestígios que perpetuam o passado enquanto instrumento de democratização do pensamento e memória de uma coletividade.

A partir da terceira página é que as mesmas começam a ser numeradas, iniciando pelo número 1. Helvécio divide todo o “livrinho” em quatro partes. A primeira contém “Lições Práticas Elementares de Psychologia”. Está dividida em 19 lições, apesar de haver erros na

numeração. Cada lição é identificada pela numeração e por subtítulos que indicam o tema desenvolvido. Essa é a maior parte do livro, que vai da página 1 até a 50. Podemos aqui iniciar nossos questionamentos sobre o porquê dele ter dedicado quase metade do livro às lições de Psicologia. Esboçamos algumas justificativas relacionando esse fato com a formação em Medicina do autor e, ainda, usando suas próprias palavras tentamos esclarecer suas intenções a cerca desse item em análise: “A Pedagogia é a sciencia de instruir e educar crianças; mas a Psychologia é a base da Pedagogia, como sciencia d’alma e de suas faculdades” (ANDRADE, op. cit., p. 2). Segue a divisão dessa primeira parte:

<b>Nº das Lições</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Páginas</b>
Primeira Licção	Definição, objeto e fundamento da Pedagogia. – Que é Psychologia. – A mente e suas actividades	1-4
Segunda Licção	Objeto da Psychologia. – Methodos de estudo. Applicações pedagógicas	4-7
Terceira Licção	Classificação dos factos psychologicos	. 8-9
Quarta Licção	Sensibilidade. Sentidos corporaes	9-13
Quinta Licção	Os sentidos	14-16
Sexta Licção	Sentimentos psuchicos	17-20
Setima Licção	Intelligencia	20-22
Oitava Licção	Attenção	22-24
Nona Licção	Percepção	24-26
10ª Licção	Intuição	26-29
11ª Licção	Memória	29-31
12ª Licção	Concepção. Analyse. Abstracção	31-34
13ª Licção	Imaginação. Classificação	34-35
13ª Licção	Juízo. Raciocínio	35-38
15ª Licção	Os poderes da mente, sua successão, objectos, actos e productos	38-39
16ª Licção	Actividade. Vontade	39-41
17ª Licção	Princípios de educação physica	41-45
18ª Licção	Principios de educação intellectual	45-48
19ª Licção	Princípios de educação moral	48-50

A segunda parte recebe o título “Pedologia”. No interesse de reformulação pelo qual está passando a educação quando Helvécio escreve essa sua obra, a visão que se tem da criança também está sendo revista. Por isso ela passa a ser alvo de estudos científicos, tornando-se passível de análise e de formulação de conhecimentos que precisam ser apreendidos por quem vai lidar com elas. Assim justifica Helvécio (op. cit., p. 51-52): “Baseia-se a pedagogia moderna no conhecimento físico e psíquico da criança, pelo que torna-se um estudo complexo, dependente de ciências auxiliares, que o mestre não deve desconhecer”. Essa parte subdivide-se em oito lições conforme o quadro a seguir:

<b>Nº das Lições</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Páginas</b>
Primeira Lição	Definição, caracteres, objecto da Pedagogia	51-54
Segunda Lição	Crescimento físico hereditário	54-58
Terceira Lição	Methodos	58-62
Quarta Lição	Factores do desenvolvimento mental	62-67
Quinta Lição	Avaliação dos sentidos	67-70
Sexta Lição	Memória	71-74
Setima Lição	Afectividade	74-78
Oitava Lição	A fadiga	78-80

Dando seqüência à estruturação do livro temos a terceira parte intitulada “Methodologia”. A metodologia é para Helvécio o que completa o método a ser utilizado e ele a divide em duas assim definindo-as: “*Methodologia geral* é o conjunto de regras comuns a todas as matérias, do ensino, incluindo os princípios didácticos, os modos, as formas e os processos de ensino. *Methodologia especial* é a maneira particular de ensinar uma das matérias do programma” (op. cit., p. 81). Segue a subdivisão dessa parte:

<b>Nº das Lições</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Páginas</b>
Primeira Lição	Methodos em geral e em particular	81-86
Segunda Lição	Princípios didácticos	86-88
Terceira Lição	Modos, formas e processos de ensino	89-91
Quarta Lição	Processos particulares e cada uma das matérias do programma	91-94
Quinta Lição	Methodo especial	94-97
Sexta Lição	Methodo intuitivo. Leitura, escrita	97-103
Setima Lição	Ensino da grammatica, da arithmetica e da geographia	103-105

E, por fim, chegamos à quarta parte que trata da “Hygiene Escolar”. Esse é um tema bastante difundido quando somado aos ideais republicanos de “através de práticas higienistas, “civilizar cultivando novos hábitos e, assim, regenerar a sociedade” (VALENÇA, op. cit., 2003-2005, p. 183). Essa parte está dividida em seis lições, conforme descritas a seguir:

<b>Nº das Lições</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Páginas</b>
Primeira Licção	Definição, objecto. Saúde. Saúde e seus caracteres. Primeira e segunda infância.	107-112
Segunda Licção	Situação e construção da escola	112-114
Terceira Licção	Ventilação, iluminação e asseio nas aulas	114-115
Quarta Licção	Mobília, atitudes e posições	115-117
Quinta Licção	Moléstias que se contraem nas escolas	117-119
Sexta Licção	Moléstias que se propagam na escola	119-122

Diante da exposição do que poderíamos chamar de sumário da obra, apesar da edição em estudo não conter tal recurso, temos uma dimensão inicial do que é tratado nela, assim como qual a ordem em que os conhecimentos estão dispostos e possivelmente eram trabalhados com os alunos e mesmo escrito pelo autor e usado pelos professores que o adotaram, conforme sugestão do próprio autor, pois “...o objeto essencial da história literária e da crítica textual é o processo pelo qual leitores, espectadores ou ouvintes dão sentido aos textos dos quais se apropriam” (CHARTIER, op. cit., 2002, p.255).

Essa seria parte da representação que o manual contém. O livro dividido em lições faz referência às “*lições das coisas*, que é a essência do *método intuitivo*” (SAVIANI, op. cit., 2004, p.27), cujo estava em pauta nas discussões sobre as reformas da educação no período desse estudo e que foi adotado pelo autor do manual. No prefácio, o autor explica que “as lições foram dadas como vão escriptas e coordenadas, mais syntheticas, em seu conjuncto, segundo a forma das lições de Welch, as que melhor me impressionaram pela clareza e concisão” (ANDRADE, op. cit. P. II).

Partindo então do primeiro ator em contato com a obra, no caso seu autor Helvécio de Andrade, inferimos que o que ele escreveu nesse manual, de acordo com o que está inscrito no prefácio é o registro de aulas que o mesmo, em algum momento, ministrara ou pelo

menos tinha a intenção de desenvolver com suas alunas. Aulas dadas e enriquecidas com leituras reflexivas de autores e publicações da área da educação. Helvécio transformou seus textos orais em lições escritas. Surge então um questionamento. Ele foi feito para ser escrito? Ou segue o caso de outros textos como as peças de teatro, conforme atenta Chartier (op. cit., 1999, p.26-27)?

Os alunos poderiam levar consigo para serem consultadas sempre que possível e necessário, as lições do médico e professor. Suas palavras teriam um alcance muito maior do que se tivessem sido apenas proferidas sem registro. Contudo é imprescindível, em se tratando de um estudo da cultura escolar, levar em consideração as limitações que o registro escrito impõe à palavra dita oralmente. Esse é

“o caso das lições, para empregar um termo antigo, não é fundamentalmente distinto daquele dos sermões ou do teatro. De um lado, há a necessidade de tornar público um trabalho, para além da circunstância em particular em que fora transmitido; de outro, a forte consciência de uma perda irremediável: a palavra – a do pregador, a *fortiori*, a do ator dizendo um texto -, mesmo a do ensino, é uma palavra que se inscreve num lugar, num gestual, em modos de comunicação com o auditório que são irremediavelmente perdidos pela fixação escrita” (CHARTIER, op. cit., 1999, p. 28).

Ele pode ter transcrito fielmente cada palavra dita em sala de aula, mas os gestos que as acompanham, a entonação da voz, a postura corporal e as emoções, tanto do professor quanto dos alunos, são perdidas. Através da escrita não é possível restituí-las.

Localiza-se assim a importância do cotidiano escolar valorizando cada marca possível de estudo. Todos os vestígios não de ser considerados se queremos analisar representações e compreender as práticas de formação de professores (FREITAS, 2003) no curso normal da Escola Normal de Aracaju, a partir do manual pedagógico “Curso de Pedagogia”.

Esse manual é constituído de “leituras de leituras” (SILVA, op. cit., 2003). O autor se apropria de várias outras leituras para explicar suas idéias, compondo assim sua obra. Seria ele um autor ou um escritor? Acrescente-se a esse questionamento as normas editoriais e teremos uma verdadeira problemática a cerca da originalidade da propriedade literária.

Adentrando por essa problemática, as palavras “Não ha, que me conste, no paiz, um livro que offereça ao estudante, com preço reduzido, a vantagem de um plano de estudos...” (ANDRADE, op. cit., p.I), contidas no suposto prefácio da edição, demonstram a preocupação do autor com a venda do seu produto. Esses são resquícios do que a história

traz como processo de formação dos papéis e funções do autor, do editor e do livreiro. Definido-se autor como aquele que escreve originalmente um obra e que por isso detém o direito de proprietário; editor como aquele que busca textos junto aos autores e cuida de todo o processo de impressão à distribuição, e o livreiro como aquele que trata da compra e venda dos exemplares aos consumidores, podemos associar Helvécio a pelo menos duas dessas categorias, as de autor e livreiro. Ou seria às de autor e editor?

“Para os autores contemporâneos junta-se a isso a questão da propriedade. Uma propriedade não apenas pensada em termos econômicos e financeiros, mas em termos de controle e exatidão: a correção do texto não deve ser prejudicada pelas transcrições apressadas, com equívocos do próprio professor, que nem sempre teve tempo de verificar todas as referências que cita de memória e que pode dar informações textuais inexatas” (CHARTIER, op. cit., 1999, p. 28).

Essa é uma questão que se delinea desde a antiguidade, como mostra Chartier. A relação entre Helvécio e a Casa Editora - Typ. Da Papelaria Popular certamente esclareceria parte dessas questões e será mais um dos pontos a serem aprofundados a partir desse estudo introdutório.

Na última página do livro consta uma errata com exatas dez páginas, seus erros e correções. Esse é o indicativo de que o texto foi lido após sua edição, sem, no entanto esclarecer quem teria feito a leitura e as ditas correções. Aí como nas referências bibliográficas dadas pelo autor faltam-nos informações mais objetivas de onde concluímos que são citadas de memória e que o aperfeiçoamento do processo de edição como vemos hoje daria conta de tal lacuna.

Parafraseando Helvécio, esse não é um tratado sobre a obra “Curso de Pedagogia” e sim o início do que pretende ser uma contribuição para a Nova História Cultural, afinal,

“narrativa dentre outras narrativas, a historia singulariza-se, entretanto, pelo fato de que mantém uma relação específica com a verdade ou, antes, de que suas construções narrativas pretendem ser a reconstrução de um passado que existiu” (CHARTIER, op. cit., 2002, p. 237)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Helvécio. **Curso de Pedagogia:** Lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar, professadas na Escola normal de Aracaju. Aracaju: Typ Popular, 1913.
- CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro:** do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- \_\_\_\_\_. **À Beira da Falésia:** A História entre Certezas e Inquietudes. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.
- COMÊNIO, João Amos. **Didática Magna.** Rio de Janeiro: Editora Rio, 1978.
- FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de Azul e Branco:** um estudo sobre as representações de ex-normalistas(1920-1950). São Cristóvão/SE: Grupos de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003. [Coleção Educação é História, vol. 3]
- JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação.** São Paulo, nº1, p. 9-43, 2001.
- SAVIANI, Dermeval (et al). O Legado Educacional do “Longo Século XX” Brasileiro. In: **O legado Educacional do Século XX no Brasil.** Campinas/SP: Autores Associados, 2004. (p. 9-57)
- SILVA, Vivian batista da; CORREIA, Antonio Carlos da Cruz. **Saberes em Viagem nos Manuais Pedagógicos (Portugal-Brasil).** [Apresentado no 25º International Stading Conference for the History of Education – ISCHE, São Paulo, 2003]
- \_\_\_\_\_. **Uma História das Leituras para Professores:** Análise da Produção e Circulação de Saberes Especializados nos Manuais Pedagógicos(1930-1971). [Texto apresentado ao Grupo de Trabalho História da Educação – G.T. 2]
- SOUZA, Rosa Fátima e. Um Itinerário de Pesquisa sobre a Cultura Escolar. In: **Ideário de Imagens da Educação Escolar.** Campinas/SP: Autores Associados, 2000. Cap. 1. p. 3-27.
- VALENÇA, Cristina de Almeida. **Entre Livros e Agulhas:** representações da cultura escolar feminina na Escola Normal em Aracaju (1871-1931). 2003. São Cristóvão/SE. (monografia)
- \_\_\_\_\_. **Entre Livros e Agulhas:** Representações da cultura escolar feminina na Escola Normal em Aracaju (1871-1931). Aracaju: Nossa Gráfica, 2005.
- \_\_\_\_\_. Civilizar, regenerar e Higienizar: as palavras de ordem da Pedagogia Moderna em Sergipe (1900-1935). In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.** Aracaju, nº34, p. 171-198, 2003-2005.